
A Educação sob vigilância da personalidade autoritária

The authority personality and its social mirror

La educación bajo la vigilancia de la personalidad autoritaria

Araújo, Erika Martins¹ (Iguatu, CE, Brasil)ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6302-7911>Melo, Demétrio Alves de² (Fortaleza, CE, Brasil)ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9584-9995>Arrais Neto, Eneas de Araújo³ (Fortaleza, CE, Brasil)ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5919-4554>Oliveira, Elenilce Gomes de⁴ (Fortaleza, CE, Brasil)ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5056-3798>**Resumo**

Este artigo debruça-se nos recentes desdobramentos políticos no Brasil e a ressonância desse fenômeno na educação. O referencial teórico liga-se aos estudos de Theodor Adorno, Hannah Arendt e Sigmund Freud acerca do caráter autoritário do governante. Ligam-se práticas que visam à construção do líder autoritário, traçando uma linha reflexiva com a concepção de massificação ideológica. Agrega-se o entendimento de personalidade autoritária, de propaganda totalitária e da psicologia das massas, trazendo elementos à percepção da irracionalidade e sua capacidade massificadora. Como resultados obtidos, é notório o caráter receptivo de parte da sociedade ao ideal antidemocrático e anticientífico da educação.

Palavras-chave: Autoritarismo. Educação. Escola sem Partido. Psicologia das massas. Emancipação humana.

Abstract

This article focuses on the recent political-ideological developments in Brazil regarding the formation of an authoritarian governmental character. The objective is to analyze the social results of this authoritarian discourse and its resonance in society. The theoretical framework adopted is mainly linked to the study by Theodor Adorno (1903-1969) and Hannah Arendt (1906-1975) about the authoritarian character of the ruler and the link created with the masses from his personality. Practices that aim to build the image of an authoritarian personality are linked, drawing a reflective line with the concept of the trivialization of evil, generated by the normalization of the totalitarian ideal. It will be pertinent to add the Adornian understanding of cultural industry and Freud's ideas in mass psychology and analysis of the self, bringing elements to the understanding of authoritarian irrationality and its massifying capacity. As a result of this initial investigation, the responsiveness of a significant portion of society to the anti-democratic ideal is notorious.

Keywords: Authoritarianism. Education. School without Party. Mass psychology. Human emancipation.

Resumen

Este artículo se centra en los acontecimientos políticos recientes en Brasil y la resonancia de este fenómeno en la educación. El marco teórico está vinculado a los estudios de Theodor Adorno, Hannah Arendt y Sigmund Freud sobre el carácter autoritario del gobernante. Se vinculan prácticas que apuntan a la construcción del líder autoritario, trazando una línea reflexiva con la concepción de masificación ideológica. Se suma la comprensión de la personalidad autoritaria, la propaganda totalitaria y la

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora bolsista pela FUNCAP do Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional - LABOR. E-mail: araujoerikaa@gmail.com

² Mestre em Educação Brasileira pela UFC. E-mail: demetriopcr@hotmail.com

³ Docente de Graduação nos cursos de Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Letras e Licenciatura em Física, e docente e pesquisador de pós-graduação no PPGArtes/IFCE. E-mail: eneas_arrais@hotmail.com

⁴ É professor efetivo (Associado 4) do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará - UFC, professor do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da UFC, professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da FAGED - UFC e professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Atualmente, é Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ 2). Docente dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, do Programa de Pós-Graduação em Artes e do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação Profissional (Prof-EPT) do IFCE. E-mail: elenilce.beatriz@gmail.com

psicología de masas, aportando elementos a la percepción de la irracionalidad y su capacidad masificadora. Como resultados obtenidos, es notorio el carácter receptivo de una parte de la sociedad al ideal antidemocrático y acientífico de la educación.

Palavras-Clave: Autoritarismo. Educación. Escuela sin Partido. Psicología de masas. emancipación humana.

Introdução

À frente do esforço de compreensão dos resquícios do autoritarismo na sociedade pós-Segunda Guerra, Adorno e Arendt são dois nomes indispensáveis para o entendimento não apenas da origem e da continuidade da influência autoritária, mas sobretudo, do risco de retorno à barbárie, da qual a humanidade ainda se encontra longe de esquecer e abandonar. Os estudos de Theodor Wieselgrund-Adorno e Hannah Arendt certamente trouxeram grande contribuição à discussão, que procura elucidar o aparentemente incompreensível viés autoritário de certos grupos sociais que, em tempos contemporâneos, materializou-se em movimentos e processos históricos como o nazifascismo, na primeira metade do século XX.

O primeiro autor, como filósofo da chamada Escola de Frankfurt, posiciona-nos por meio de um importante esforço de compreensão das estruturas de poder que contribuem para a construção de uma personalidade autoritária. A segunda pensadora, em questão, traz consigo toda a sua carga de análise e vivência dos efeitos advindos da perseguição de regimes de caráter totalitário, legando-nos um importante e indispensável estudo basilar para a análise das diversas variantes políticas que, em seu conjunto, são responsáveis pela disseminação, conquista e manutenção do modelo de poder em questão.

Em ambos os estudos, encontramos as sementes que podem nos indicar a natureza de movimentos autoritários que, mesmo diferindo dos atuais, invariavelmente, objetivam dominar a estrutura educacional brasileira e torná-lo útil ao processo de edificação de uma vertente mais radical do autoritarismo, em clara aliança com o conservadorismo antidemocrático no Brasil.

Tomando por base estes pilares clássicos de interpretação do autoritarismo, palmilharemos alguns estudos e leituras da atual política brasileira, para que, assim, possamos compreender como antigos modelos autoritários ecoam nos dias atuais. Busca-se perscrutar a partir de uma análise das clássicas categorias que estudam o fascismo e as suas mais diversas variantes, investigando pontos que se correlacionam com os movimentos conservadores que atualmente se apresentam no

Brasil, no intuito de averiguar o como e o quanto estas posições autoritárias, influenciam e afetam o cenário educacional brasileiro.

Para tanto, interpelamos o roldão conceitual que se dissemina na sociedade da informação inebriada de senso comum que, projetadas pela velocidade da internet, ganham fama de realidade e de concretude na vida das pessoas, como por exemplo, a concepção de que a educação atual está preenchida de “viés ideológico” e “doutrinação esquerdista”. Colocamos alguns focos de análise diante dos projetos conservadores que visam desconstruir qualquer característica de reflexão e crítica na educação.

O artigo constitui parte de uma pesquisa de base qualitativa e bibliográfica, consistindo, neste em particular, da análise e consideração das obras nele elencadas. Ancorada nesta perspectiva, o estudo adentra em alguns dos fundamentos elementares do pensamento adorniano, como a concepção de *personalidade autoritária*.

Na mesma linha de reflexão intelectual, faz-se indispensável para a compreensão do atual estado de propensão autoritária governamental no Brasil uma ponte de análise com as, igualmente importantes, concepções de Hannah Arendt acerca do *totalitarismo*, percebendo a interligação destas duas proposituras e delas com a concepção freudiana de *psicologia das massas*. Estes três vetores apresentados não estão dissociados da dinâmica e influência da sociedade do capital em nossos dias, mas, pelo contrário, apresentam o fascismo como parte componente da estrutura umbilical gerada na e pela sociedade do capital, como afirma Max Horkheimer (1981, p. 33) *apud* Adorno (2020, p. 11) no que segue: “Quem não quer falar do capitalismo deveria calar-se sobre o fascismo”.

A força latente autoritária necessita de condições políticas, econômicas e sociais adequadas para florescer e, encontrando-as no Brasil com mais intensidade a partir de 2013, despertaram as forças que estavam desgrenhadas, irrompendo um “novo radicalismo de direita”, parafraseando a obra adorniana, componente de nosso estudo.

Ao realizar um estudo unificado desses conceitos, confrontando-os com a percepção da realidade e de estudos atuais, é possível observar, também, o quanto estas práticas interferem no campo social em geral e no educacional em particular. Para alcançar tal entendimento, estabelecemos os seguintes encaminhamentos:

apreensão e seleção dos principais estudos selecionado para a pesquisa; leitura seletiva para o aprofundamento de conceitos nevrálgicos das obras teóricas centrais; análise crítica e complementação do entendimento clássico com os resultados de alguns estudos atuais sobre educação.

Neste ponto, a fim de concatenar as informações centrais das fontes escolhidas, tornou-se necessário um estudo analítico de ordenação e sintetização das informações componentes, que permitissem aos objetivos da pesquisa serem desnudados e atingidos.

O fascismo invade a educação?

Adorno, em sua obra *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*, apresenta-nos uma importante reflexão acerca da conexão singularmente necessária ao processo de formação de uma mentalidade que interligue a ideologia socialmente compartilhada pelos membros de um determinado movimento. O filósofo afirma que essa forma de expressão ideológica “almeja convencer as pessoas manipulando seus mecanismos inconscientes, e não apresentando ideias e argumentos”. Sendo assim, o processo de construção autoritária a que Adorno se refere carrega a necessidade de apresentar determinados elementos que interliguem os indivíduos entre si e os mantenham, da forma mais eficiente possível, coesos na crença de um movimento supostamente inquebrantável e inevitavelmente vitorioso.

Vinculados e unidos pelo mesmo horizonte ideológico, acarreta-se desta maneira a necessidade da compreensão proposta pela Psicanálise de que os sujeitos precisam, de alguma forma, de uma espécie de “argamassa ideológica” intrínseca ao caráter unificador de processos políticos, de natureza autoritária, que os mantenha concentrados e direcionados ao ideal proposto pelo líder. A crítica adorniana nos remete, inevitavelmente, a compreender os elementos motrizes da construção de tal força social, ao afirmar que “o caráter manipulador [...] se distingue pela fúria organizativa, pela incapacidade total de levar a cabo experiências humanas diretas, por um certo tipo de ausência de emoções, por um realismo exagerado” (ADORNO, 1995, p.129).

Consideramos importante frisar que, além do tipo manipulador que Adorno coloca, seu estudo abarca um conjunto mais amplo e complexo das diversas síndromes da personalidade autoritária como o “rebelde e psicopata” ou o “alucinado”,

sendo, portanto, o “caráter manipulador” um deles. Entretanto, a observância destes modelos está longe da formação de uma tipologia engessada que coloque numa grade de definições pré-definidas quanto ao comportamento autoritário. O filósofo está cômico da necessidade do cuidado em não compartimentar as personalidades humanas em categorias imóveis, o que configuraria uma simplificação da realidade, como comenta Adorno acerca da “aversão à aplicação de conceitos rígidos à realidade supostamente fluida da vida psicológica” (ADORNO, 2019, p. 516).

Desta reflexão, podemos pensar alguns conceitos que, entre tantos apontados por Adorno, nos apresentam aquilo que se demonstra essencial nos movimentos totalitários: o caráter organizacional em seu *modus operandi* e o aspecto ideológico que mobiliza as massas em conexão com o modelo ideal a ser seguido – o líder. Apesar de que, neste ponto, dá-se uma importância magistral ao aspecto da prática corriqueira na organização dos movimentos totalitários, evidenciando, assim, a busca cada vez mais audaz da constituição de um movimento que, apesar das construções narrativas que a forma de propaganda lhe imputa como necessária e vital, na perspectiva de Hannah Arendt, busca edificar o movimento em seu caráter mais prático possível.

Ademais, Adorno nos direciona ao entendimento de que a construção destas ideologias de massas por meio de seus movimentos, estariam dia a dia no constante desafio de ganhar corpos e mentes para o mantra ecoado pelo líder. Essa coesão exige destes adeptos uma abdicação irracional de certos aspectos de suas emoções que, por sua vez, passam a atuar no “circuito dos afetos”⁵ (SAFATLE, 2016), direcionando, assim, as suas ações de embate e conflito em relação ao inimigo em comum. Esse é o extrato do processo que, sendo idealizado, subjetivamente, pelos membros destes determinados movimentos, os unificam em prol de um mesmo ideal, que é suprimir os rastros do “pensamento livre” nas instituições de ensino.

A “fúria organizativa”, denunciada no argumento de Adorno (1995), consubstancia-se como notória ação dos movimentos autoritários sobre a realidade. Para compreender este aspecto, devemos levar em consideração as variáveis indicativas da personalidade autoritária apontadas pelo filósofo e o como eles

⁵ Condição em que o sujeito traça os entendimentos e discussões no plano emocional e não racional, chegando até mesmo ao ponto de descolamento da realidade.

contribuem, no seu conjunto, para a consecução de ideias e ações de tendência antidemocráticas.

Theodor Adorno aponta-nos as seguintes variáveis que compõem uma tendência na formação desse caráter de personalidade e constituição do ímpeto que mobilizam os grupos para estas ações, sendo elas: “convencionalismo”, “submissão autoritária”, “agressão autoritária”, “anti-intracepção”, “superstição e estereotipia”, “poder e ‘dureza’”, “destrutividade e cinismo”, “projetividade” e “sexo”. Entretanto, como nos afirma Adorno (2019, p. 135), “essas variáveis foram pensadas, no caso de se apresentarem juntas, como formando uma mesma síndrome, uma estrutura duradoura, que torna a pessoa receptiva à propaganda antidemocrática”. Desta feita, como ingredientes combinados para um comportamento suscetível às ideologias de caráter autoritário, estes fatores serviriam de instrumento para substituir o “pensar reflexivo” do indivíduo pelo “agir irracional”.

De posse dos elementos que compõem a formação do caráter autoritário, torna-se possível compreender as forças de caráter psicológico que mobilizaram as massas na direção oposta à preservação de um caráter democrático de sociedade e educação. Daí decorrem as constantes tentativas de desacreditar o modelo de educação questionadora, de ciência investigativa e da razão reflexiva.

Essa visão encontra-se materializada no discurso registrado por Cecilio (2019), do atual presidente, Jair Bolsonaro que, em sua empreitada pela construção de uma perspectiva conservadora e engessada da educação, propõe de forma clara a extinção de um saber crítico nas escolas, quando afirma: “Há uma forte doutrinação ideológica dessa garotada. No meu entender não tem que ter política em sala de aula, nem esquerda nem direita, ou se tiver, que tenha os dois lados”. Ataques desta natureza direcionam uma mensagem clara do líder aos membros dos movimentos autoritários que encontram na educação um dos principais inimigos, ao qual deve se dar combate.

Cabe observar que a posição do líder autoritário, não coincidentemente, entra em confluência justamente com o caráter de personalidade dos seguidores, como apontado por Adorno. Torna-se patente, então, que a ideologia reverberada pelo líder aflora os aspectos de personalidade, aparentemente ininteligíveis, das massas, mas que encontrando os sujeitos o modelo ideal a ser seguido e o contexto social em que se espelhar, se fortalecem. Irrompem, assim, o seu comportamento nos seus mais

variados graus, o seu apego aos valores convencionais da classe média, a submissão à autoridade do líder, o caráter violento e agressivo ao discordante, a visão supersticiosa e os vários outros aspectos listados por Theodor Adorno.

Em confluência com a difusão intransigente das ações em defesa do líder, a crença dogmática toma o lugar da reflexão crítica, pois o ato de obedecer, na esmagadora maioria dos casos, não se coaduna com as razões que o explicam ou que o fundamentam. Podemos, por exemplo, observar que os membros dos movimentos autoritários não consideram necessário compreender os aspectos que norteiam a educação e a Pedagogia freiriana para criticá-las. O campo da contraposição dá-se, somente, pelo embate direto ao outro, simplesmente por ser contrário ao conjunto de valores defendidos pelos grupos autoritários e isso, por si só, já basta.

Esta foi a arena na qual os confrontos políticos e ideológicos deram-se com maior intensidade desde 2013, na esfera da “polarização afetiva” (Abranches, 2019, p.20). Como em uma conexão de mobilização e manipulação de determinados setores sociais a serem cooptados politicamente, os elementos indicados nesse complexo processo agem num conjunto, mobilizando em torno da *realpolitik*⁶, tendo como coluna principal deste fenômeno o objetivo de, nos termos adornianos, levar a cabo a “uniformização da sociedade administrada” (ADORNO, 1995, p. 25).

Doravante, compreende-se que o processo de uniformização, levantado por Adorno, infunde-se intrinsecamente com a estrutura infligida pelo neoliberalismo no remodelamento da sociedade. Sendo assim, a atual fase do capitalismo, transvestido do seu processo neoliberal, cria as condições necessárias para a vergastação da educação não apenas no plano econômico, mas também em seus pilares ideológicos.

Inevitavelmente, esta uniformização passa pelo domínio da cultura e da educação, instrumentalizando-os como veículos de poderosa propagação ideológica conservadora. Entretanto, para a concretização desse controle, é necessário primeiro um processo de deslegitimação do atual modelo educacional, como bem pretende cumprir esse papel desde 2004, o chamado projeto “Escola sem Partido”. Num segundo momento, na interferência direta em suas instituições, por meio de mudanças em seu arcabouço pedagógico legal e, até mesmo, humano.

⁶ Referência que Adorno faz ao associar a vivência prática da política, independente dos conteúdos de tais ações.

No que tange à estratégia e tática de concretização desta citada uniformização, como afirma Adorno, encontramos um ponto de convergência com uma importante percepção apontada por Hannah Arendt: “[...] as massas devem ser conquistadas pela propaganda” (ARENDR, 2018, p. 474). A propaganda anticiência, antiescola, anticultura e anti-intelectualismo cumpre seu papel uniformizador, numa espécie de caráter embrionário, que possui, por sua gênese ligada ao mercado e, subsequentemente, pode derivar para o serviço da construção de uma determinada autoridade.

O indivíduo, porém, como sujeito do corpo social, deve ser entendido como produto desta mesma sociedade da qual ele faz parte, sendo que o sujeito não apenas absorve o que lhe é passado, mas, de alguma maneira, constrói uma íntima relação com as ideias que lhe são apresentadas (ADORNO, 2015). Desta forma, podemos fazer também uma analogia com o que Adorno pensa sobre a natureza da propaganda e seu aspecto como elemento central da indústria cultural que, por consequência, torna-se a propaganda das massas, como nos diz ele: “A publicidade é o seu elixir da vida” (ADORNO, 2012, p.70).

Para os mentores da “Revolução Conservadora”, não bastaria, então, um projeto envolto de uma suposta neutralidade de ensino para as escolas. Era preciso criar na sociedade um espírito de ameaça constante que a “doutrinação comunista” apresentava aos filhos da dita “família conservadora brasileira”. Assim, a intensa propaganda fez o projeto Escola sem Partido sair de uma sorradeira ameaça à educação para ser a “esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira” (FRIGOTTO, 2017, p. 17).

Os movimentos de caráter autoritário compreendem que a crise das democracias é uma oportunidade de levar o seu discurso a todos os espaços sociais da nação, perpassando entre as fábricas, as instituições educacionais e alcançando, até mesmo, os lares dos cidadãos. Para tal empreitada, seria necessário transcender o visível, o material e o perceptível, para buscar penetrar no invisível, no imaterial e no transcendente. Entretanto, para lograr êxito nesse portentoso trabalho, seria preciso tomar os instrumentos de propaganda de massas a partir de um novo caráter, prático e simbólico, como nos afirma Adorno, na seguinte passagem:

Daí o rádio se tornar a boca universal do Führer; e a sua voz, nos alto-falantes das estradas, vai além do ulular das sirenes anunciadoras de pânico, do qual

a propaganda moderna dificilmente pode se distinguir. Mesmo os nazistas sabiam que o rádio dava forma a sua causa, como a imprensa dera à causa da Reforma. O carisma metafísico do líder inventado pela sociologia da religião se revelou, enfim, como a simples onipresença dos seus discursos no rádio, diabólica paródia da onipresença do espírito divino [...] (ADORNO, 2012, p. 66-67).

Evidentemente que Adorno não se refere à internet e às redes sociais, entretanto, a sua atualidade está no fato não do instrumento de propagação em si, mas sim no que tange ao amplo alcance do veículo em questão, estando a internet num patamar ainda mais poderoso quanto à formação de opiniões distorcidas e desconectas da realidade. Decorre, como observado nos governos de matriz autoritária, que a propaganda persegue algo que vai muito além do circunstancial.

É necessário que a ideologia que se tenta propalar torne-se parte do indivíduo, de maneira quase religiosa. Sendo os ideais de matriz autoritária introjetados nas instituições, elas podem, por sua vez, serem controladas com maior êxito. Conseqüentemente, os espaços dedicados à educação tornam-se alvos prioritários a serem dirigidos, pois eles podem ser transformados não apenas num centro de difusão da ideologia de um regime, mas em um ambiente de confirmação dos mesmos ideais. Então, a propaganda é o instrumento que ganha os sujeitos para a causa, já a educação, o que os mantém e os reproduz em suas posições, construindo legitimidade para os ideais do movimento.

O indivíduo e o líder como espelho

De que maneira a ideologia da vigilância invade as instituições de ensino e arregimentam adeptos? Uma das principais problemáticas a serem compreendidas, a fim de lançar luz sobre o espectro da ligação entre o líder autoritário e as massas, centra-se no fato de que, de alguma maneira, é criada uma relação biunívoca entre estes dois elementos sociais. Esta identificação é solidificada por meio do conforto psicológico propiciado pela crença e ação das massas ao indivíduo que, professando uma ideia que é compartilhada em número expressivo de coletivos sociais, serve de confirmação social à crença do sujeito particular.

É visível que uma ideologia, seja ela qual for, ganha um poder maior de ressonância quando compartilhada por um grupo socialmente visível. Neste pilar de crença compartilhada, o indivíduo encontra um sustentáculo e uma segurança para

depositar a sua ideologia, como afirma Sigmund Freud em sua obra, *Psicologia das massas e análise do eu*:

Ora, quando se fala de psicologia social ou das massas, costuma-se desconsiderar essas relações e isolar como objeto de investigação a influência simultânea exercida sobre o indivíduo por um grande número de pessoas com as quais ele está ligado por um vínculo qualquer [...]. Portanto, a psicologia das massas trata do indivíduo como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição ou como elemento de um grupo de pessoas que, em certo momento e com uma finalidade determinada, se organiza numa massa. (FREUD, 2017, p. 36-37).

Sigmund Freud parece corroborar com a concepção de Gustave Le Bon acerca do conceito de “massas”, em que o entendimento quanto a esta categoria perpassa não apenas a sua formação como fenômeno social, mas sobretudo, quanto ao seu comportamento como multidão em suas características próprias e em sua relação com os indivíduos. Por esta razão, os interstícios que envolvem estes fenômenos relacionam-se diretamente com as variantes sociais que as envolvem e que lhe são naturais em sua dinâmica social.

Num primeiro momento, o conceito de Le Bon centra-se na seguinte percepção sobre as massas: “Em sentido comum, a palavra multidão representa uma reunião de indivíduos quaisquer, independentemente de sua nacionalidade, sua profissão ou seu sexo, independente dos casos que os aproximam” (LE BON, 2018, p. 29). Todavia, para além da simples comunhão partilhada da representação presencial de um certo número de pessoas, as massas são ligadas por uma unidade à qual Le Bon e Sigmund Freud concordam estarem no âmbito da psicologia.

Sendo assim, Freud procura analisar outras categorias que ajudem a compreender a força impulsionadora do indivíduo em relação à massa no que tange aos fatores como “sugestão e libido” ou “enamoração e hipnose”. Ocorre que as relações mobilizadas pelos sentimentos de amor ou sugestibilidade estudados pela psicanálise freudiana, não adentram o importante contexto do papel da propaganda de massas sobre a psicologia destas. Daí, perscrutaremos e nos será valiosa a perspectiva adorniana.

A análise que Theodor Adorno nos apresenta da psicanálise, demonstramos o elo que é construído pelo próprio indivíduo, com o intuito de apresentar-se como componente de uma determinada teia social em comum, sendo esta mesma sociabilidade o pilar para uma dada ideologia de massas. Theodor

Adorno afirma que “quanto mais profundamente a psicologia sonda as zonas críticas no interior do indivíduo, tanto mais pode perceber de forma adequada os mecanismos sociais que produziram a individualidade” (ADORNO, 2015, p. 52).

O indivíduo, como estratificação da sociedade, assimila influências das mais diversas variantes que o compõem como sujeito único, embora dotado de condições que são, por natureza, sociais e coletivas. Desta forma, a existência de conexões sociais por si mesmas torna os indivíduos propensos à busca de integrar, de alguma maneira, uma crença, ideia ou fé, que se conjugue aos seus valores pessoais e comungue com sua visão de mundo.

Nos dizeres de Adorno (2015, p. 94), “as ações totalitárias parecem tão racionais ao agente quanto irracionais aos seus concorrentes”, sendo essa uma das chaves que mobilizam os movimentos conservadores contra a educação. Estando o sujeito mobilizado por ideologias autoritárias e tendo suas ações insufladas e corroboradas pelo líder máximo da nação, não lhe acomete absolutamente nenhum constrangimento em questionar, gravar e denunciar qualquer professor por prática de “doutrinação”, pois seu empoderamento é pleno, visto que o próprio presidente, “está ao seu lado na luta contra a doutrinação do marxismo cultural”.

Inexoravelmente, há uma identificação narcísica entre os líderes e as massas. Os sujeitos passam a agir não apenas porque concordam com as posições do líder, mas também por identificarem-se com todo o conjunto performático que ele representa. Adorno nos chama a atenção para este ponto quando diz que “o agitador fascista é um exímio vendedor de seus próprios defeitos psicológicos. Isso somente é possível devido uma similaridade estrutural geral entre seguidores e líder [...]” (ADORNO, 2015, p. 144).

Diante de tais apreensões da realidade e dado o caráter múltiplo e complexo do ser humano, somos levados a refletir sobre a seguinte indagação de nosso estudo: como é construído o discurso da propaganda fascista e qual a sua relação com a formação autoritária que agregue as massas? Para compreender esta questão, é necessário identificar as ideias que farão sentido e fomentem o agrupamento de indivíduos suscetíveis à propaganda autoritária. É plausível que este processo tenha em seu bojo práticas de publicidade e propaganda que impactarão e farão sentido para os sujeitos presos às suas próprias leituras de mundo, contribuindo

de forma marcante para a penetração e assimilação destes ideais, inclusive nas instituições escolares.

No tocante ao elemento relacionado à comunicação e propaganda do ideal autoritário na formação da personalidade autoritária, é valioso salientar o estudo realizado na década de 30, por Theodor Adorno, em torno das locuções radiofônicas do extremista de direita americano e autoproclamado, pastor Martin Luther Thomas. Este estudo nos fornece uma observação interessante e clara acerca da relação entre a estratégia discursiva do agitador autoritário e seu público.

Partimos do princípio de que a postura autoritária revelada através do discurso igualmente autoritário, demonstra a necessidade intrínseca desse mecanismo para lograr êxito na diluição das subjetividades e na construção de um sujeito heterônomo e enquadrado num ideal coletivo. Desta feita, a performatização do discurso, visando o já citado enquadramento social das massas, é típica da “sociedade administrada” (ADORNO, 1995), sendo que a falta de eficiência no uso da propaganda instrumentalizada baldariam os fins de controle a que se propõem seus líderes.

O esquadrinhamento do método sardônico e tétrico do próprio Luther Thomas apresentou algumas chaves para a centralidade investigativa de Theodor Adorno. Corroborando com Iray Carone, Adorno manteve a clareza de que não estava procurando fundamentos nos clássicos movimentos nazifascistas, mas procurou analisar os traços de cidadãos comuns, predispostos ao discurso autoritário, e a capacidade dessa comunicação em atingi-los e influenciá-los (CARONE, 2012, p. 14). Consequentemente, foi de vital importância que a sanha comunicativa do agitador fascista visasse ao repelão de sua atenção e concordância, atijando nestes cidadãos comuns o torvo lampejo da ânsia autoritária.

Para tanto, o discurso é intumescido de autoridade e embebido de estratégias que o farão sedutor e atraente perante as massas, sendo os principais estratagemas os que seguem: apresentar-se como um lobo solitário, construindo a ideia de um herói que luta pela integridade e verdade; colocar-se como alguém que está ligado a um propósito divino; posicionar-se com situação de constante combate e luta contra um inimigo; portar-se como mensageiro de um caminho no qual ele trilha ombreado em pé de igualdade com seus pares, pois a luta é de todos. Entretanto, cabe salientar que, por mais poderoso que o discurso fascista possa se demonstrar

na influência do caráter autoritário, não se pode fugir das complexidades presentes de maneira insopitável na sociedade.

Esse complexo de variantes que perpassam os fatores econômicos, sociais, políticos, culturais, entre outros, agem em conjunto e contribuem de forma decisiva como pressão e chamamento social. Concorrem para o afloramento no indivíduo de um tipo de comportamento que tende à “inclinação arcaica pela violência” e às “tendências de regressão”, que colimam sempre na direção da barbárie, como nos aponta Adorno (1996).

É notório que o discurso autoritário encontra eco naqueles que pensam e agem em conformidade com aquilo que professa e defende o líder em questão que, por sua vez, é o seu espelho personificado. O perfil daqueles que se identificam com o comportamento autoritário também é demonstrado de forma variada nos correligionários dos movimentos de inspiração fascistas, sejam eles mais explícitos ou sutis.

Mesmo assim, a aceitação e incorporação da ideologia de natureza autoritária no sujeito, invariavelmente é o reflexo de uma personalidade disposta ou, no mínimo, aberta a tais concepções de caráter agressivo e antidemocrático. São comportamentos voltados a um “inimigo” muitas vezes imaginário e socialmente construído pelo discurso do líder. Isto porque, os inimigos a serem combatidos por todos são, certamente, os inimigos apontados pelo líder, incluindo, entre aqueles, os professores que questionam a autoridade do atual governo em questão. Quanto a isso, esclarece Adorno:

Em cada situação em que a consciência é mutilada, isto se reflete sobre o corpo e a esfera corporal de uma forma não-livre e que é propícia à violência. Basta prestar atenção a um certo tipo de pessoa inculta como até mesmo a sua linguagem – principalmente, quando algo é criticado ou exigido – se torna ameaçadora, como se os gestos da fala fossem de uma violência corporal quase incontrolada (ADORNO, 1996, p. 126-127)

A coletividade dos corpos, quando transforma o grupo de indivíduos em um conjunto social que se harmoniza pelas ideias em consonância, ganha poder de ação para atuar seguindo a lógica das atitudes pragmáticas e imediatistas da causa defendida. Para tanto, a força em questão é retirada tanto do exemplo que o líder representa em todo o seu conjunto simbólico, quanto pelo impulso social pelo qual o

indivíduo se sente empoderado, encorajado e justificado, para tomar partido em direção às atitudes mais diversas e irracionais.

É possível tomar um exemplo dessa resultante refletida no relato analítico de Hannah Arendt acerca da autodefesa de Adolf Eichmann, em seu julgamento: “Ele cumpria o seu dever, como repetiu insistentemente à polícia e à corte; ele não só obedecia a ordens, ele também obedecia à lei” (ARENDR, 1999, p. 153). Embora em contextos completamente diferentes, são estes mesmos princípios e argumentos similares que dão coro aos defensores do movimento Escola Sem Partido. Seus adeptos sentem-se seguros quando compartilham coletivamente de uma suposta “luta pela moralização da educação”.

Por sua vez, esta luta ganharia ares de legalidade se ela pudesse contar com o respaldo da lei e na representação da própria figura do líder para vigiar, denunciar e punir professores acusados de “doutrinação”. Isto porque os alunos em sala, ao vigiar os professores, estariam apenas “cumprindo a lei”, ao delatar os docentes (FRIGOTTO, 2017).

Os três autores centrais de nosso artigo nos estribam na percepção de que, de toda e qualquer forma, os ataques à educação encontram seu eco corroborante entre as massas e que os “ares do fascismo” estão muito vivos e encontram terreno verdejante de outras formas mascaradas e “legalmente” instituídas.

Em sua obra *Estudos sobre a personalidade autoritária*, Adorno nos coloca em contato com pesquisas que apontam para a reflexão a seguir: “O fascismo havia acabado de ser derrotado em guerra e, [...] ainda assim, não foi difícil encontrar sujeitos cujo perfil era tal que indicava que eles prontamente aceitariam o fascismo[...].” (ADORNO, 2019, p. 72). Já em seu livro, *Origens do totalitarismo*, Hannah Arendt nos leva a pensar o seguinte entendimento: “O fanatismo dos membros dos movimentos totalitários, [...], resulta exatamente da falta de egoísmo interesseiro dos indivíduos que formam as massas e que estão perfeitamente dispostos a se sacrificarem pela ideia” (ARENDR, 2012, p. 481).

Por sua vez, Freud, em sua obra *Psicologia das massas e análise do eu*, contribui com um estudo mais abrangente e geral acerca do comportamento das massas diante de determinadas circunstâncias sociais e as resultantes, que levam em direção a um fenômeno de congruência de ações e ideias. Esta era, efetivamente, a preocupação de Freud, como ele expõe textualmente: “Mas o que é uma ‘massa’,

como ela adquire a capacidade de influenciar a vida psíquica do indivíduo de modo tão decisivo e no que consiste a modificação psíquica que ela lhe impõe?” (FREUD, 2017, p. 40).

Inserido nesta perspectiva, Sigmund Freud nos aponta um importante caminho para o entendimento das condicionantes da Psicologia Social e dos movimentos de massa, sendo então uma ferramenta indispensável para o estudo desses fatores. Sendo que no caso dos ataques à educação no Brasil, durante o governo conservador de Jair Bolsonaro, muito mais preocupante do que um projeto autoritário criado por grupos de direita visando sufocar o trabalho docente, é o fato de um grande número de pessoas dentro das próprias instituições estarem dispostas a colaborar com esta política policialesca.

Para empreender uma análise que nos ajude a compreender esta situação, é necessário perceber que o compartilhamento coletivo de crenças, torna as ideias psicologicamente mais sólidas e aceitáveis para cada indivíduo, no sentido de defensáveis, sejam elas quais forem, pois como explica Freud (2017), o indivíduo sozinho torna-se enfraquecido para lograr êxito na defesa de qualquer grande propósito. Isolado e sem força de caráter suficiente que o torne inquebrantável em sua crença, ele não concentra energia agregada para levar à frente a sua ideologia.

O indivíduo comum ou médio é desprovido da tenacidade necessária de levar às últimas conseqüências um ideal. Sendo assim, ele precisa de um guia que confirme os seus valores e de companheiros que reafirmam a suas convicções. Freud nos fala, acerca desse processo, o seguinte: “As massas humanas nos mostram novamente a imagem familiar do indivíduo extraordinariamente forte em meio a um grupo de companheiros” (FREUD, 2017, p. 130).

É possível perceber a necessidade de existência de um elemento que, para além de aproximar um indivíduo propenso ao ideal autoritário, consiga mantê-lo coeso junto às massas e ligado aos comandos ideológicos geradores do empoderamento necessário para as mais diversas ações.

Envoltos destas percepções, vemos que, para um movimento de massas se constituir como um corpo no qual o indivíduo possa sentir-se parte, este processo não ocorre sem que se abra mão de uma parcela significativa da própria autonomia e, até mesmo, da sua plena liberdade. Quanto mais centralizadora e homogeneizada se torna uma ideologia, mais ela cobra de seus integrantes a abdicação de seu próprio

comportamento individual, juízo e liberdade, e maior deve ser a sua abnegação e a sua entrega à causa que já não é apenas sua, pois o indivíduo sabe que seu trabalho é servir de instrumento do ideal maior, mesmo que esta decisão lhe custe a própria vida.

Entretanto, os difusores dos princípios do Escola sem Partido sabem que, para chegar ao ponto de assimilação dessas propostas pelas massas, são necessárias estratégias por parte dos grupos de direita e conservadores, que visam à máxima capilaridade de seus projetos na sociedade e, para que elas sejam ganhas para essa causa, como podemos perceber na seguinte passagem:

A forma de atuação nessas diversas frentes proporciona à organização certas condições de visibilidade, legitimidade e penetração social que forjam a percepção de uma ampla adesão social e ocultam significativamente a assimetria profunda entre sua coordenação centralizada, em termos pessoais e políticos, e a variedade dispersa daqueles que aparecem como apoiadores de suas ideias (ALGEBAILLE, 2017, p. 67).

Saliente-se, também, que o comportamento adotado pelas massas é latente, embora imprevisível, mas que pode ser mobilizado e direcionado para determinados fins, como já indicava Adorno (2002), no que tange ao conceito de mecanização e condicionamento advindo da indústria cultural. Ademais, Hannah Arendt corrobora com o pensador alemão quanto à predisposição das massas para tais comportamentos, como comenta a autora:

Exatamente porque se supunha que as ideologias tivessem um natural conteúdo utilitário, a conduta antiutilitária dos governos totalitários e a sua completa indiferença pelo interesse da massa causaram um choque tão profundo. Essa conduta introduziu na política contemporânea um elemento de imprevisibilidade até então desconhecido. Contudo, a propaganda totalitária já havia indicado, antes mesmo que o totalitarismo tomasse o poder, até que ponto as massas haviam se afastado de seu próprio interesse (ARENDR, 2012, p. 481).

Essencialmente, podemos encontrar pontos congruentes no pensamento de Hannah Arendt, Theodor Adorno e Sigmund Freud, que nos levam a enxergar de forma coerente o processo de formação dos movimentos de massa, por meio de uma confluência de fatores que se complementam e reagem em conjunto para que haja o sucesso na empreitada de homogeneização das mentes e corpos sociais.

Este fenômeno se torna base essencial dos movimentos conservadores pois sem esta unidade ideológica, torna-se mais difícil levar à frente projetos da

mesma natureza como o Escola sem Partido. Qualquer um que esteja contra estas ideologias são chamados de traidores, petistas, comunistas e vários outros termos, que sempre estão associados a pautas de caráter popular e social.

O líder como a personificação do “eu” no espectro educacional

Para que seja possível explicar o movimento das massas, o papel do líder e sua influência nas instituições educacionais, torna-se indispensável estudar os mecanismos de mobilização dessas massas e os princípios que elas se encontram sedentas por seguir, obedecer e defender a qualquer custo.

Como já afirmado em outro momento, as massas criam uma situação confortável ao indivíduo que usufruiu desta circunstância, como sustentáculo ideológico daquilo que creem ser verdade. Obviamente, isso vale para todo e qualquer espaço social, inclusive o da sala de aula. A partir desse momento, tendo o indivíduo aceitado tal ideia e sujeitando-se a esta ideologia coletiva, passa também a crer de forma quase automática, tornando-se parte do movimento defensor dos mesmos valores.

É neste ponto de aceitação que o sujeito é levado ao comportamento de espelhamento do coletivo, no qual sua autonomia intelectual e senso crítico são rebaixados ao nível mais raso de reflexão e crítica, chegando mesmo ao ponto de ignorarem quase por completo a realidade diante de si mesmos. Qualquer pessoa, princípio, ideologia, evidência, prova ou circunstância em contrário são simplesmente negados e rechaçados, muito mais porque é considerado perigoso do que pelo que contém de verdade em si. Quanto a isto, nos aponta Hannah Arendt:

O que as massas se recusam a compreender é a fortitude de que a realidade é feita. Predispõem-se a todas as ideologias porque estas explicam os fatos como simples exemplos de leis e ignoram as coincidências, inventando uma onipotência que a tudo atinge e que supostamente está na origem de todo acaso. A propaganda totalitária prospera nesse clima de fuga da realidade para a ficção, da coincidência para a coerência (ARENDR, 2012, p. 485-486).

No entender de alguns estudiosos, a direita saiu do armário e mostrou a sua real face. Presenciamos, então, o avanço do irracionalismo na educação (FREITAS; FÁVERO, 2017, p. 125). Dentro dos mais diversos contextos sociais e políticos, não se pode perder de vista que em todas as sociedades, é possível

encontrar pessoas que, por diversos fatores, estarão predispostos a receber as “verdades” de uma ideologia autoritária, como nos afirma Adorno (2019).

Independente de certas circunstâncias que possam afetar drasticamente a sociedade, mesmo que este corpo social esteja passando por um estado de relativa paz ou prosperidade econômica, haverá sempre uma parcela da sociedade que estará disposta a defender tais princípios. É evidente que estamos num contexto diferente do período Entreguerras, mas hoje o reavivamento de espelhos daquelas ideologias, que encontram terreno fértil e seus desdobramentos, são visíveis no cotidiano da educação.

Dessa forma, vários países do mundo, e o Brasil em particular, têm experimentado um novo processo, quase apoteótico de ressurgimento de ideologias que, se não são idênticas aos regimes nazifascistas clássicos, certamente bebem de suas fontes inspiradoras. Todavia, esta realidade nos provoca o levantamento de algumas questões pertinentes para a compreensão mais acurada e específica desse fenômeno, sendo algumas delas levantadas pelo próprio Adorno como tentativa de perceber as motivações para tal conduta predisposta:

Se um indivíduo potencialmente fascista existe, como ele se parece precisamente? O que suscita o pensamento antidemocrático? Quais são as forças organizadoras dentro da pessoa? Se tal pessoa existe, quão comumente ela existe em nossa sociedade? E se tal pessoa existe, quais foram os determinantes e o decurso do seu desenvolvimento? (ADORNO, 2019, p. 73).

Os questionamentos apresentados por Adorno nos levam a refletir sobre os aspectos já explanados por Freud (2019) acerca do caráter individual e social, nos quais o indivíduo está inserido e, inevitavelmente, em estado de interdependência. De toda e qualquer forma, esta simbiose do indivíduo com o social e sua predisposição a seguir uma determinada ideologia podem ser potencializadas, ainda mais, a partir do modo como a propaganda é instrumentalizada para tais fins, como indica Adorno (2019), ao afirmar que “se há um aumento marcante da propaganda antidemocrática, deve-se esperar que algumas pessoas a aceitem e a repitam imediatamente [...]”⁷. Sendo esta afirmativa verdadeira, não restam dúvidas de que indivíduos convencidos

⁷ Neste ponto acerca do papel da propaganda, os filósofos Hannah Arendt e Theodor Adorno convergem no entendimento do papel propagandístico dos regimes totalitários como construtores de ideologias e, por conseguinte, como ferramentas de mobilização das massas.

pelos mais variadas fontes, e dentro da própria estrutura educacional, acabaram “recrutados” para defender tais ideias.

Nessa conjuntura, a questão se coloca em duas frentes de entendimento: a primeira é quanto às brechas que a educação possui e que não foram suficientes para barrar a proliferação e a ingerência das ideologias autoritárias nas escolas; a segunda centra-se no fato de que os movimentos autoritários, uma vez já presentes na educação, nos desafiam a identificar estratégias de combate às ideias inquisidoras naqueles ambientes.

O sucesso de penetração de projetos, como o Escola sem Partido, na educação, resulta do fato de que os líderes de caráter totalitário e seus asseclas sabem, de certa forma, que eles não precisam falar para todos os membros da sociedade, mas apenas para aqueles que estão efetivamente dispostos a ouvi-los. A questão é que, para atingirem aos que se identificam com o projeto político-social representado ou projetado na figura do “líder”, fala-se ao público em geral e, teoricamente, para “todos”.

Os questionamentos de Adorno (2019) sobre as condicionantes e elementos que formam o caráter autoritário, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, são também abordados pelo filósofo Vladimir Safatle, em sua obra *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Safatle (2016) nos direciona ao entendimento das posições tomadas por qualquer indivíduo e isso vale também, se não mais, para o campo da política e os variados modos de intervenção humana no campo do chamado “circuito dos afetos”.

Esta perspectiva nos leva a um novo patamar de entendimento das ligações que tornam os sujeitos suscetíveis, por exemplo, ao pensamento antidemocrático e à disposição de estarem ligados a movimentos de caráter autoritário, como os observados no nosso país atualmente. Certamente, o Brasil representa um exemplo atualíssimo e dos mais efetivos na demonstração de que as posições tomadas por lados políticos, em suas determinadas condicionantes, afastaram-se de forma clara daquilo que seria o mais racional diálogo em busca de soluções de divergências.

Safatle aborda essas condicionantes e reflete sobre o seu papel afirmando o que segue:

Tal capacidade de afecção tem consequências políticas maiores, pois tanto a superação dos conflitos psíquicos quanto a possibilidade de experiências políticas de emancipação pedem a consolidação de um impulso em direção à mutação dos afetos, impulso em direção à capacidade de ser afetado de outra forma. Nossa sujeição é afetividade construída, ela é afetivamente perpetuada e só poderá ser superada afetivamente, a partir de uma outra *aiesthesis*⁸ (SAFATLE, 2016, p. 38).

Refletindo a partir do pensamento de Vladimir Safatle, é possível identificar que as questões políticas não são tratadas entre os sujeitos por meio de um discurso de natureza racional. Pelo contrário, os embates se dão no campo dos afetos, ou seja, num aspecto da subjetividade não acessível diretamente pela razão ou por argumentos racionalizáveis. As evidências da realidade, caso não entrem em harmonia com as ideologias específicas, tornam-se ameaças à tentativa de imposição de uma ideia de natureza autoritária, pois sendo estas ideologias de natureza impositiva, não resistiriam às contradições da realidade.

Dessa forma e por conseguinte, acaba-se reduzindo o campo da operação reflexiva, crítica e dialética do conhecimento, comprometendo a argumentação racional a partir de dados ou elementos concretos e objetivos da realidade. Consequentemente, não se trata de qual argumento é melhor fundamentado, de quais evidências estão em sua lógica adequada e o quanto cada ideia é atestada pela simples comparação com a realidade, mas de um conflito sobre qual perspectiva e visão de mundo se está defendendo, acima de qualquer apreensão orientada pela ciência. É notório que, para esse viés argumentativo, em última instância, não importa o que a ciência diz ou o que as pesquisas apresentam.

O conservadorismo que pretende controlar a educação tem a mesma base ideológica negacionista, fortemente enraizada na religião dogmática e intolerante, também presentes em outros movimentos conservadores e de direita ao redor do mundo. Pretendem substituir a ciência pela crença, a evidência pela especulação, o *logos* (razão) pela *doxa* (opinião ou crença comum) (FREITAS; FÁVERO, 2017).

Compreendemos, nesse momento, que o universo das opções políticas expressas nos movimentos antiescola e anticiência, de teor fascista, nunca esteve articulado exatamente acerca do que é supostamente mais racional, ético, correto, justo ou injusto para os estudantes. É efetivamente a tomada de opção que reflete visões de mundo projetadas por identificações idealizadas, pelo que se coaduna com

⁸ *Aiesthesis* é um termo grego que se refere a percepção e sensação.

os interesses dos grupos, de uma forma geral, e dos indivíduos, de uma maneira particular. Portanto, esses mesmos interesses são ancorados afetiva e emocionalmente (estando esta condição na esfera do inconscientemente), conforme já nos expunha a perspectiva psicanalítica.

Desta forma, o propósito final e objetivo central da tomada destas posições jamais foi, é ou será, discutir ideias ou debater, a fim de expor à prova uma determinada visão ou ponto de vista. De maneira nenhuma, busca-se uma educação dita “neutra e plural”, longe de amarras ideológicas e tendenciosas, seja para qualquer espectro político.

Para que um projeto como o Escola sem Partido possa ganhar corpo na sociedade, é necessário que as ideologias defendidas possam ser mantidas o mais firme possível nas convicções pessoais de cada adepto. É necessário fortificar uma relação efetiva e emocional de identificação que vai muito além de uma percepção objetiva da realidade ou, até mesmo, tornando-a inócua, caso ela venha a confrontar a ideologia defendida.

Assim, observa Adorno quando nos fala: “referindo-se assim mesmo de forma ambivalente, como humano e sobre-humano ao mesmo tempo, fraco e forte, próximo e distante, o líder fascista fornece um modelo da verdadeira atitude que pretende ratificar” (ADORNO, 2008, p. 12).

Esta concepção de realidade leva a uma eminente ferramenta de simbiose com as massas. “Desta forma, o toque pessoal é uma camuflagem efetiva” (*ibid.*, p. 13), permitindo ao “líder” ser o que realmente é como homúnculo, tornado o caráter abjeto em “sinceridade”. Apresentam-se no caso recente brasileiro, de forma clara, estes mecanismos como instrumentos de manipulação das massas, ao apontar o outro (o inimigo), como sujeitos responsáveis pela destruição de valores considerados “sagrados” pelos autoproclamados “conservadores”, por meio da “educação doutrinária”.

Entretanto, estes movimentos só podem ser conduzidos se forem produzidos entre os membros constituintes desse coletivo, no que Freud (2013) chama de “caráter médio nos indivíduos da massa”. Ou seja, a identidade gerada entre os membros da base de um movimento, causa também um tipo de uniformização entre eles, a partir do aplacamento de suas próprias consciências, sendo esse

conjunto responsável pela construção de um estado de ignorância e alienação coletivas.

A partir do momento em que o sujeito, consciente ou inconscientemente, abre mão de seu próprio discernimento, absorve sem julgamento racional as ideias que lhe são apresentadas pelo coletivo a que pertence. Com seu juízo reflexivo suspenso, já não analisa e não raciocina com base em fatos ou realidade objetiva racionalizável, e apenas os “afetos” (e geralmente os afetos de oposição – ódio, inveja etc.) são colocados sobre a mesa como régua e parâmetro de análise do discurso e da realidade percebida (SAFATLE, 2016).

Portanto, apesar dos elementos basilares constituintes de um movimento social autoritário demonstrarem ter sobrevivido, mesmo frente às experiências negativas produzidas e demonstradas pela história da humanidade, essas ideologias continuam vivas e sempre encontram eco na sociedade, ancoradas naquilo que desde Freud (2017) já ficou exposto como fratura da alma humana – o caráter inarredável de nossas angústias e neuroses numa existência social.

Ademais, os mecanismos que potencializam essas ideologias encontram no século XXI um novo vigor que as revitaliza e dão ainda mais força ao ideal autoritário através de formas ainda mais invasivas e pervasivas da personalidade e dos “espaços” de intimidade. Isso porque a indústria cultural, hoje potencializada pela mídia virtual, pelas chamadas “redes sociais” ou afins, atinge a subjetividade com força inaudita, incorporando imagem, som, narrativa, multiplicada pela repetição permitida por “sujeitos eletrônicos” contados aos milhões. Essa “homogeneização” das opiniões, criam e disseminam o sentimento de que uma “multidão” de “iguais” pensa, sente e age (ou quer agir) da mesma forma que o indivíduo que os considera.

Nesse sentido, há um auxílio na normalização da imitação, como nos fala Adorno (2002), quando afirma que a indústria cultural absolutiza a imitação, sendo que esta mesma imitação não é possível, se não consegue criar identidade entre as partes e, nesse caso, entre as massas e os líderes, como se pode observar nos últimos anos no universo político atual do mundo e do Brasil e a luta de seu governo autoritário em impor uma educação monocrática em nosso país.

Considerações Finais

Theodor Adorno, em seu *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*, delineia-nos uma tendência de comportamento político por parte de certos segmentos da sociedade, os quais tenderiam, de certa forma, a um viés ideológico catastrófico e autodestrutivo. Esta tendência seria posta à mesa e às claras pelo triunfo, em meio à sociedade, de um posicionamento irracional e anticientífico, que visaria ao controle das instituições propagadoras do conhecimento, como as escolas. Desta feita, parece haver uma ligação necessária entre as atitudes e ideias autoritárias, tendo como sustentáculo um pensamento de natureza inflexível, por seu dogmatismo, e irracional, por seu método, como demonstram as tentativas de imposição do projeto Escola sem Partido.

Os regimes autoritários defendem, nas entrelinhas, a ignorância como virtude. Se há um líder ou um guia, com o qual o indivíduo se identifica e o reconhece como o seu outro “eu”, por que não haveria de nele depositar a mais completa confiança e credibilidade? Ademais, quem melhor poderia executar as soluções e levar a sociedade ao caminho adequado, senão aquele que pensa “exatamente” como “eu”?

Nesta perspectiva, exorta, ainda, Adorno em seu *Estudos sobre a personalidade autoritária*, que a potência desses movimentos se encontra exatamente no fato de que o líder em questão consegue massificar o ideal de personalidade ao qual os sujeitos ligam-se por identificação. Assim, consegue-se solidificar um “padrão amplo e coerente”, pelo qual as massas serão direcionadas para um comportamento uníssono, pois ele é baseado em suas crenças apropriadas. Sentem-se os adeptos do movimento desta forma, plenamente à vontade, seguros e convictos de suas certezas, sejam elas coerentes ou não.

Se o presidente diz que a educação tem “viés esquerdista” ou está contaminada de “doutrinação”, então é porque é verdade e deve-se ajudar o líder a dar combate aos inimigos nesse espaço. Este princípio organizador irracional, e calcado em submissão ideológica, nos remete ao papel “religioso” do líder, caráter tanto mais claro quando pensamos no caso brasileiro, em que o engajamento político de parte considerável das igrejas neopentecostais ditas “evangélicas” e dos setores fundamentalistas da igreja católica foi evidente, como nos exorta a pensadora alemã: “Quanto mais fielmente reconhecemos e seguimos as leis da natureza e da vida, [...]

tanto mais nos conformamos ao desejo do Todo-Poderoso. Quanto melhor reconhecermos o desejo do Todo-Poderoso, maior será o nosso sucesso” (ARENDDT, 2012, p. 479).

É evidente que o Brasil, em suas condições sociais e políticas atuais, não está livre de um movimento que, embora muito diferente de raízes totalitárias do nazifascismo clássico, represente, de diversas formas, princípios elementares e um movimento de massas em defesa de um propósito autoritário. Movimentos esses que, mobilizados através de um mecanismo eficiente de propaganda de massas, conservam, no cerne de seu objetivo, a manutenção da coesão dos sujeitos em torno da solidificação da imagem de um líder e que, em nosso caso brasileiro, sob a égide de um suposto “mito”.

referências

- ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ADORNO, Theodor. **La técnica psicológica de las alocuciones radiofónicas de Martin Luther Thomas**. Ediciones Akal, S.A, 2008a.
- ADORNO, Theodor. **Ensaio Sobre a Psicologia Social e Psicanálise**. São Paulo: Unesp, 2015.
- ABRANCHES, Sérgio. **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.
- ADORNO, Theodor. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Unesp, 2019.
- ADORNO, Theodor. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Unesp, 2020.
- ALGEBAILLE, Eveline.; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Edições LPP/ UERJ, 2017.
- ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

CECILIO, Camila. Enem, ideologia e metas agressivas: veja o que foi discutido entre Bolsonaro e ministro da Educação. **Revista Nova Escola**. Ano 14, Edição 321, 26 de abril de 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17093/enem-ideologia-e-metas-agressivas-veja-o-que-foi-discutido-entre-bolsonaro-e-ministro-da-educacao>. Acesso em: 09 out. 2020.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Rio de Janeiro: L&PM, 2013.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar da cultura**. Rio de Janeiro: L&PM, 2017.

FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Edições LPP/ UERJ, 2017.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 3ª ed, 2018.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2º ed. 2016.

Recebimento: 06/04/2022

Aprovação: 12/06/2022



Q.Code

Editores-Responsáveis

[Dr. Enéas de Araújo Arrais Neto](#), Universidade Federal do Ceará, UFC, Ceará, Brasil

[Dr. Sebastien Pesce](#), Universidade de Orléans, França